

“Programa Papudinhos”: Uma Homenagem ao Centenário de Orson Welles¹

Lorena Emanuele da Silva Santos²
Guilherme Guerreiro Neto³
Universidade Federal do Pará, Belém, PA

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo descrever o processo de criação da peça radiofônica de ficção “Programa Papudinhos”, elaborada na disciplina Introdução ao Rádio. A peça é uma adaptação da transmissão de “Guerra dos mundos”, de George Orson Welles, originária do livro Guerra dos Mundos de Herbert George Wells. O “Programa Papudinhos”, produzido em 2015, homenageia o centenário de Welles. Na rádio dramatização dessa peça foram acionados elementos da cultura paraense, como jargões, músicas além disso, foi incluída na história a lenda alienígena do Chupa-chupa, originária do município de Colares, no Pará, na década de 70. Para subsidiar a elaboração do roteiro e a gravação, houve pesquisa bibliográfica acerca da produção do “Guerra dos Mundos”, além do levantamento sobre a lenda Chupa-chupa, sobre jargões linguísticos e outros elementos da cultura paraense.

PALAVRAS-CHAVE: Guerra dos Mundos; Rádio; Orson Welles; Programa Papudinhos.

INTRODUÇÃO

O presente *paper* tem como objetivo tratar dos processos de pesquisa, produção e execução do Programa Papudinhos, que teve como base e inspiração a transmissão radiofônica Guerra dos Mundos, produzida por Orson Welles (1915-1985). O projeto de releitura da produção de Welles foi desenvolvido em homenagem a comemoração pelos 100 anos de nascimento do radialista, diretor, dramaturgo e ator, completados em 2015.

Guerra dos Mundos foi ao ar na rádio CBS, pelo *Mercury Theater on the Air* de Welles, no dia das bruxas, comemorado pelos norte-americanos no dia 30 de outubro, em 1938. A dramatização de Welles era tão persuasiva e eloquente, que logo em sua primeira transmissão obteve grande comoção social. Welles conseguiu, sem intensão, instaurar um alvoroço na costa leste dos Estados Unidos. Quem escutava, acreditava que o que estava ouvindo, uma narração sobre um ataque alienígena, era real. Mas a produção não saiu de

1 Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Rádio, TV e Internet, modalidade RT 03 - Ficção em áudio e rádio – audiodramatização, peça radiofônica, radionovela e afins (avulso ou seriado).

2 Estudante do 5º. Período do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo; lore.emanuele@gmail.com.

3 Orientador do trabalho. Professor da Faculdade de Comunicação da UFPA; neto.guerreiro@gmail.com.

um lugar qualquer, teve inspiração na clássica obra literária de ficção científica, Guerra dos Mundos, de H. G. Wells, escrita em meados do século XIX.

O programa tratava da vinda de alienígenas à terra e narrou a chegada desses seres como se fosse uma grande cobertura jornalística, um boletim jornalístico. Havia depoimentos de cidadãos comuns e cientistas. Os efeitos sonoros deram também mais veracidade quando atrelados a atuação singular dos radialistas, em especial, Orson Welles, ator de 23 anos.

A história retrata a Inglaterra vitoriana sendo invadida por alienígenas vindos de Marte. Sob o ponto de vista do narrador personagem. A obra, desde a chegada dos extraterrestres até o desfecho da invasão, perpassa temas como imperialismo, sobrevivência, horrores da guerra, religião e ciência. Tão famosa quanto o romance é a sua adaptação homônima feita para o rádio, escrita pelo ator, roteirista e produtor americano Orson Welles (1915-1985). (...) Peça radiofônica que imitava o tom dos noticiários da época, relatando a chegada dos marcianos à terra e as reações dos que presenciaram a invasão. (ANASTÁCIO, 2015, p. 85)

Foi fazendo uma releitura desse clássico episódio da história radiofônica que a turma de Introdução ao Rádio, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará, resolveu se debruçar em um resgate da mesma história, porém com elementos regionais da cultura paraense, como o episódio da invasão alienígena em Colares, nos arredores de Belém, capital do Pará, entre as décadas de 70 e 80.

O fenômeno relatado pelos habitantes de Colares, que segundo eles, teriam marcas corporais que apontavam para uma possível coleta do sangue por parte dos alienígenas. O incidente deu nome ao caso: o Chupa-Chupa. O evento não causou histeria apenas na localidade, e em 1977, após ampla midiaticização do ocorrido, militares da Força Aérea Brasileira foram enviados para investigar o caso, aí nasceu a Operação Prato.

Entre 1976 e 1978, moradores da região da ilha de Colares (PA) avistaram estranhas luzes no céu. Essas aparições seriam hostis, causando paralisia e queimaduras na pele, após “chuparem” o sangue das pessoas. O evento causou histeria na população, que buscavam até explicações religiosas para o fenômeno. (MENEGHETTI, 2013, p. 22)

OBJETIVO

O trabalho teve como objetivo utilizar o programa de Orson Welles como fonte primária para a produção do Programa Papudinhos, preservando as características originais, como o modelo de narrativa e meio de comunicação no qual está inserido – o rádio –, mas também o modificando e introduzindo marcas da regionalidade, como por exemplo a

linguagem característica do vocabulário paraense, locação das entrevistas fictícias e músicas, que também possuem um recorte que guarda traços da região, como o brega – gênero musical característico do Pará.

O programa se propõe a atingir o público regional com o mesmo formato utilizado por Welles. É fato que o rádio já não possui o mesmo impacto que na década de 30, mas a ainda carrega características singulares para sustentar o resgate contínuo das heranças culturais. Assim como Guerra dos Mundos ficou marcado pelas características de um contexto norte-americano, o Programa Papudinhos desperta para o contexto paraense.

O rádio empobreceu A Guerra dos Mundos pela simplificação, mas também aumentou a sua força dramática. Contribuiu para isso, além do tempo real da narração, o fantástico poder de sugestão da palavra sonora e invisível. MCLUHAN (1964) observou que o rádio toca em profundidades subliminares da mente, e que as palavras desacompanhadas de imagem, como quando conversamos no escuro, ganham uma textura mais rica e mais densa. RODRIGUES (1988) relaciona a força psicológica do rádio à voz primordial que ouvimos no útero da mãe, e BANG (1991) atribui ao mesmo fenômeno o poder emocional da música. DE SMEDT (1992) observa que o som nos toca e nos envolve. Como BAKHTIN (1979), salienta que percebemos o visto como algo externo ao corpo, enquanto o que ouvimos ressoa dentro de nós. (MEDITSCH, 2008, p. 5)

Este produto pode também tem como finalidade ser veiculado em rádios universitárias, ou mesmo servir como objeto de análise e reflexão para outros projetos que se preocupem em rememorar a cultura paraense e elementos do imaginário local.

JUSTIFICATIVA

O estudo se dispõe a rememorar e homenagear Orson Welles por suas contribuições valiosas ao estudo do rádio, principalmente. Além disso, celebra a vida eternizada nos trabalhos deste que é reconhecido como um dos grandes radialistas.

A construção do Programa Papudinhos trouxe para os holofotes a *magnum opus* de Welles. O trabalho se solidifica justamente por fazer que essa obra não seja esquecida, mas, ao contrário, seja adaptada, ganhando assim novas significações.

Não somente, o programa evidencia também a necessidade dos conteúdos transmidiáticos e intertextuais, que sempre dialoguem com sua origem e seu contexto atual. Os diálogos entre diferentes produtos culturais possibilitam o aprendizado e uma nova visão sobre o que é proposto.

O conhecimento existe no diálogo. A troca entre signos e discursos é responsável em larga medida pela criação do conhecimento e pelo acesso da pessoa a outras formas culturais. O diálogo prevê a pluralidade; o dialógico requer o múltiplo. Assim, a noção de “intertextualidade” está igualmente vinculada à possibilidade de existência simultânea de muitas vozes (...). (MARTINO, 2009, p. 122)

De 1938 até 2016, muitas coisas mudaram, e não apenas no contexto temporal e organizacional, mas de um ponto de vista da comunicação, linguístico e radiofônico. Anteriormente, eram normais transmissões de radialistas com os “erres” guturais, que traziam consigo demarcações claras em cada palavra pronunciada. Eruditas, as rádios ainda mantinham uma linguagem sem muitos desvios, diferente da atualidade.

Todas as línguas vivas experimentam mudanças constantes. A mudança linguística é mais aparente na escrita, o que pode ser percebido, por exemplo, quando se lê Shakespeare. (...) A tecnologia recente introduziu uma dimensão totalmente nova à dinâmica da mudança linguística: telefone, rádio, cinema e televisão. Pela primeira vez na história da humanidade estamos ouvindo sem “ver”, de modo que um elemento tão primitivo do discurso – o gesto – está ausente da comunicação não visual, embora ao falar ao telefone, os italianos ainda gesticulem, os japoneses ainda se curvem e todos nós ainda sorrimos e franzimos as sobrancelhas, como se nosso interlocutor estivesse presente, tão ligado está ao gesto à fala. (FISCHER, 2009, p. 220)

Aqui encontra-se a morada de resgate a essa memória e possivelmente adaptá-la para o contexto atual. Para que aja essa renovação constante e que nunca se perca o passado.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Foram dois meses de produção, entre estudo do roteiro original de Howard Koch (1901-1995), criação de um novo, adaptado a partir do roteiro de Koch (MEDITSCH, 2013), a produção coube aos estudantes Lorena Emanuele da Silva Santos; Thaís Souza; Johnny Machado; Jean Coutinho; Maria Luiza; Josuelton Chagas; e Rafael Rocha. Todos alunos de jornalismo, que se engajaram para a construção do roteiro e gravação do Programa Papudinhos.

Com a edição de áudio de João Nilo, foram preservadas as características sonoras do original, como dramatização próxima ao real e efeitos que fizessem a repórter parecer estar fora da cabine de gravação.

Foram utilizadas ferramentas próprias de programas radiofônicos, como gravação em ambiente fechado com mixagem específica, edição em Adobe Audition – programa que é referência para profissionais de edição de áudio –, construção de roteiro com linguagem e adaptação equivalente ao modelo radiofônico, com apontamentos para entonação, pausa para a melhor execução dos efeitos sonoros – buzinas, sirenes de ambulância, abduções, disparo de armas de fogo, vinhetas e músicas.

Muito mais do que truques, a construção de um “cenário radiofônico” em uma peça radiofônica, envolve necessariamente a manipulação de diversos recursos de linguagem de nosso mágico veículo. Envolver o ouvinte na história narrada e fazê-lo “acreditar que ela é real” requer por certo, não apenas a manipulação de sons ou efeitos. Isso exige também que façamos uma prospecção pelo nosso universo imaginário, observando e descobrindo o leque de sentidos e significados perante coisas, comportamentos, atitudes, pontos de vista e pensamentos construídos e alimentados dia a dia em nosso contexto cultural. (MEDITSCH, 2013, p. 65)

Técnicas de dramaturgia foram importantes para a execução do trabalho, as falas empregadas no programa possuem grande carga emocional, principalmente no momento dos “ataques alienígenas” e no encerramento do programa, no qual o então radialista fictício Tiobaldo da Rocha conta o final da trama, que segundo ele pôs fim a parte da população e dos próprios alienígenas.

Durante todo o processo relatado, a dramatização dos personagens, com discursos preocupados, eloquentes, afoitos ou mesmo apressados, inclusive aparentes nos recursos sonoros, foram de máxima importância para preservar e fazer alusão ao modelo de dramatização percebido na narração de Welles e toda a produção por trás do programa Guerra dos Mundos. Resgatar e adaptar isso foi uma das metas estabelecidas. Welles tinha uma forma única de transmitir seus programas, e isso se deu principalmente por sua raiz no teatro.

O teatro era sua paixão, e a indústria do rádio era onde ganhava dinheiro para sustentar seus projetos teatrais nem sempre sustentáveis, graças à valorizada combinação de um grande talento com uma grande voz na Era de Ouro do meio. Toda essa experiência estava no papel principal de A Guerra dos Mundos na noite do dia 30 de outubro de 1938. E por isso ninguém contestava suas decisões, ainda que contrariassem o bom senso e exacerbassem os nervos de toda a equipe, como nos intermináveis segundos de silêncio que introduziu nos momentos mais dramáticos da peça, pelo gesto eternizado na foto da capa deste livro⁴. (MEDITSCH; Eduardo, 2013, p. 65)

⁴ A imagem 1 é a foto da capa do livros de Eduardo Meditsch.

Imagem 1



Capa do livro de Eduardo Meditsch, no qual mostra Orson Welles fixo em sua atuação para *A Guerra dos Mundos*.

DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Partindo de SANT'ANNA (1995), através do conceito de *paráfrase*⁵, é possível entender ambos os textos, o original - de Welles - e o Papudinhos, como produtos inseridos neste conceito. Ora, o programa de Welles é uma adaptação do romance de H. G. Wells, e o Papudinhos, uma adaptação do programa Guerra dos Mundos. O roteiro do Papudinhos não desvia do rumo que Guerra dos Mundos tomou, possuem similaridades nas estruturas dos acontecimentos, apenas com alterações sobre o contexto social temporal e local.

O programa possui 11 minutos e 9 segundos de duração. Papudinhos inicia com a locução de Tiobaldo da Rocha, o locutor de estúdio que apresenta a rádio e anuncia que começará o programa com música regional, *Fazer Amor Contigo*, de Alberto Moreno. Conhecida por ser um dos “bregas” mais tocados na região. Parafraseando o roteiro de Howard Koch, dialoga com o momento que, no Guerra dos Mundos, o locutor três anuncia uma canção com marcas do contexto social dos Estados Unidos, na década de 30.

Locutor 3: boa noite, senhoras e senhores. Diretamente do Meridian Room, do Park Plaza Hotel de Nova Iorque, levamos para vocês a música de Ramon Raquello e sua orquestra. Com seu toque muito pessoal, Ramon

⁵ Uma cópia ou imitação, que não tem de antemão a necessidade de se dedicar ao riso. Não possui descontinuidade, ou seja, quando uma história foi contada de uma forma, e posteriormente é realizada uma imitação, para ser paráfrase ela precisa guardar seus principais aspectos da história. E não desviar dessa estrutura.

Raquello inicia “La Cumparcita”. (*Começa a música*). (MEDITSCH, 2013, p. 202)

No momento, em que acontece a interferência de um possível ataque alienígena, o recurso utilizado por todo trabalho de Welles entra em cena: o boletim jornalístico. No período em que foi dramatizado originalmente, em 1938, os boletins não eram recursos muito utilizados em dramatizações ou novelas radiofônicas, o que fazia dele algo muito utilizado nas transmissões jornalísticas reais, e não fictícias.

O programa adaptado também contém entrevistas com cientistas e transmissões “ao vivo” dos locais das invasões dos extraterrestres, semelhante ao roteiro de Koch. Durante alguns momentos, no roteiro original o silêncio, por exemplo, foi um grande aliado, e isso se fez presente também na adaptação. Segundo FERRARETTO (2014), o silêncio também pode ser um elemento importante para a construção de uma peça radiofônica.

No final da transmissão, há ainda uma narração do locutor como se estivesse fazendo a narração de cada dia, e as mudanças apresentadas no meio espacial. Apresentando alterações emocionais, como gritos, sussurros e voz embargadas.

A voz falada, modo pelo qual a voz aparece com mais frequência em rádio, possui alto poder comunicativo, carregando parte significativa do conteúdo da mensagem. A expressividade não se limita, no entanto, ao sentido em si do vocábulo, mas se ampara na forma como se dá a sua emissão, podendo ganhar ainda mais força quando associada a outras manifestações da voz como choro, o grito ou o riso. (FERRARETTO, 2014, p. 22)

O roteiro também contém palavras que orbitam no grande sistema que é a cultura paraense. O nome do Programa Papudinhos, por exemplo, foi escolhido justamente por ser um termo utilizado para designar as pessoas que bebem em demasia. E foi com o intuito de propagar elementos cruciais desse sistema, que foram escolhidas algumas das palavras e expressões citadas no produto, como “farinha baguda”⁶, égua⁷, “de rocha”⁸ e chibé⁹.

CONSIDERAÇÕES

O trabalho realizado no “Programa Papudinhos” buscou aproximar o público paraense da obra de Orson Welles. Utilizando-se de uma lenda que já está presente no

6 Farinha é um dos alimentos derivados da mandioca, que pode ter tamanhos desproporcionais e crocantes quando ingeridos, daí provém o termo “baguda”.

7 Substantivo utilizado praticamente como um ponto de exclamação ou vírgula, capaz de expressar tristeza, espanto, indignação ou apenas como “pontuação”.

8 Empregado quando se concorda com algo do discurso alheio, portanto pode ser substituído pelo advérbio “realmente”.

9 Uma mistura de água com farinha de mandioca.

imaginário popular do paraense, o Chupa-Chupa de Colares, município no litoral do Pará que carrega fama no Estado justamente por ser um lugar onde Objetos Voadores Não Identificados (OVNIs) foram vistos. Quem visita o município vê referências em toda parte, tal como paradas de ônibus em forma de “naves espaciais”.

Em uma abordagem diferenciada, o intertexto se prolonga e a nova adaptação provoca a disseminação de discursos que comungam diretamente com parte do imaginário paraense. Através da produção do roteiro, foi possível abordar mais ainda as marcas da cultura do Estado do Pará, tais como os jargões, o modo de falar, o sotaque, as músicas presentes no meio social, entre outros elementos.

A obra *Guerra dos Mundos*, dirigida e gravada pela inconfundível voz de Orson Welles, foi homenageada principalmente por 2015 ser o ano do centenário de Welles, uma data importante para recordar e resgatar elementos desse que foi um dos marcos da história do rádio.

Em sua exibição original, *Guerra dos Mundos* provocou pânico e medo na população. E a turma de 2014 (já que na UFPA as turmas são nomeadas pelos anos de ingresso), buscou também utilizar recursos para conseguir efeito semelhante, mesmo que se apropriando de técnicas intertextuais, como a *paráfrase*, segundo conceito do pesquisador SANT’ANNA (1995). No entanto, como o original continha um tom sombrio, alcançado graças a excepcionalidade de um acontecimento inesperado, aliado a um uso propositalmente transfigurado de um gênero radiofônico – o boletim jornalístico –, e a um contexto em que o rádio pairava como grande meio de comunicação de massa, foi utilizada certa dose de humor, principal marca da adaptação paraense, caracterizado, por exemplo, pelo modo coloquial da fala.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANASTACIO, Sílvia Maria Guerra. O Processo de Criação do Audiolivro "A Guerra dos Mundos", de H.G. Wells: uma releitura brasileira. **Revista Farol**, Espírito Santo, n. 12, p.84-89, dez. 2014.

FERRARETTO, Luiz Artur. *Rádio: teoria e prática*. São Paulo: Summus, 2014.

FISCHER, Steven Roger. *Uma breve história da linguagem*. Osasco, São Paulo: Novo Século Editora, 2009.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria da Comunicação**. Ideias conceitos e métodos. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

MENEGHETTI, Diego. OVNIS: Há algo muito estranho no ar. **Mundo Estranho**, São Paulo, ed. 136, p.16-25, mar. 2014.

MEDITSCH, E. **O pecado original da mídia**: o roteiro de A Guerra dos Mundos, 2008. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-guerra-dos-mundos.pdf>
Acesso em: 03 de dezembro de 2015.

_____. **Rádio e Pânico 2** – A Guerra dos Mundos, 75 anos depois. Florianópolis: Insular. 2013.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Paródia, Paráfrase e Cia**. São Paulo: Ed. Árica, 1995. 5º Ed.